



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Joelma dos Santos Salustino

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL I DA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB**

JOÃO PESSOA

2013

Joelma dos Santos Salustino

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL I DA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB**

Monografia, apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Norma Maria de Lima

JOÃO PESSOA

2013

Catálogo na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

S181i Salustino, Joelma dos Santos.

A influência da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem: concepção de professores do ensino fundamental I da cidade de João Pessoa/PB / Joelma dos Santos Salustino. - João Pessoa, 2013.

32f.

Orientação: Norma Maria de Lima.
Monografia (Graduação) -
UFPB/CE.

1. Afetividade. 2. Sala de aula. 3. Aluno.
4. Professor. I. Lima, Norma Maria de. II.
Título.

UFPB/BC

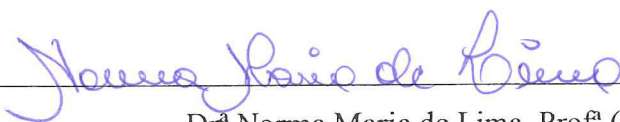
Joelma Dos Santos Salustino

A influência da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem:
Concepção de professores do ensino fundamental I da cidade de João Pessoa/PB

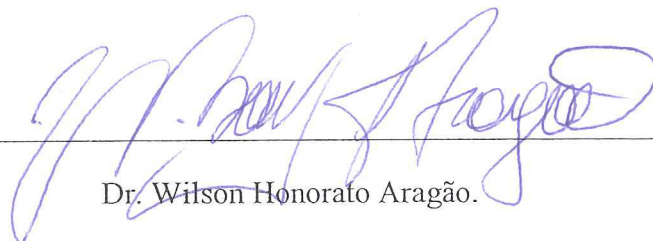
Monografia, apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Modalidade Educação Presencial, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

APROVADA: Abril de 2013

Banca examinadora:



Dr^a Norma Maria de Lima Prof^a (Orientadora)



Dr. Wilson Honorato Aragão.

Aos meus pais, irmãos, marido e filha.

Dedico.

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir entendimento.

A minha família, meus Pais, Francisco Torquato Salustino e Osanilda dos Santos Salustino e aos meus irmãos.

A minha amiga Maiara Coreolano, que dedicou a mim sua amizade por todos os anos de Universidade.

Aos meus mestres professores que no geral nos ensinou, de forma carinhosa e amiga.

*O espaço da sala de aula precisa ser acolhedor,
aconchegante para ser transformador. Miranda 2008.*

RESUMO

A afetividade em sala de aula vem sendo tema de estudos e pesquisas nos últimos anos, promovendo assim um diálogo sobre a influência do afeto no processo de aprendizagem dos alunos. Este trabalho apresenta a análise de uma pesquisa sobre a influência da afetividade na relação de professor-aluno dentro do ambiente educacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uso de questionários e entrevista semiestruturada. Verificou-se que apesar da pesquisa abordar um tema bastante pertinente, o mesmo ainda é pouco discutido no dia a dia escolar. A partir dos resultados coletados, podemos concluir que embora os sujeitos atuantes na pesquisa considerem importante a afetividade, esta, em determinadas situações ficam limitadas ou não fazem parte da cena.

Palavras-chave: Afetividade, sala de aula, aluno, Professor.

ABSTRACT

The affectivity in the classroom has been the subject of studies and research in recent years, thus promoting a dialogue on the influence of affect on the students' learning process. This paper presents an analysis of research on the influence of affection and the teacher-student relationship in the educacional environment. The research is based on a case study in depth of a completed approach of closed and open questionnaire. It was found that despite the search address a very pertinent issue, it is still not common in everyday life. From these results we can conclude that although the acting subjects in the survey consider important affectivity, that in certain situations are limited.

Keywords: Affection, classroom, student, teacher.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	13
2.1. A relação professor-aluno: Teoria e prática pedagógica	13
2.2. A Influência da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. 18	
3. METODOLOGIA.....	21
3.1. Participantes	22
3.2. Instrumento.....	22
3.3. Procedimento.....	23
3.4. Análise dos dados	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

A relação professor-aluno representa o momento de encontro e convivência entre educadores e educandos que interagindo formam o cerne do fazer educativo.

É partindo dessa visão, ou seja, observando o relacionamento de professores e alunos em sala de aula que esta pesquisa busca localizar possíveis problemas que vem dificultando o processo de ensino-aprendizagem, almejando, contribuir com as discussões dessa temática com educandos e educadores que estão atuando no espaço educacional, podendo assim corroborar na escrita de uma nova história educativa.

A afetividade, historicamente falando nunca foi o forte da educação brasileira, ao contrário, até bem pouco tempo e infelizmente nos dias atuais, verifica-se o uso da violência nas relações educativas e em sala de aula muitas vezes essas relações são visíveis, seja ela física ou psicológica, alimentada por diversos fatores internos como por exemplo, o grande número de alunos em sala, turmas com no mínimo 40 aluno em salas sem nenhuma infraestrutura, espaços inadequados, sem condições dignas de se aprender ou ensinar algo, além de equipes pedagógicas ineficientes e indiferentes ao que se passa dentro das salas de aulas. Entre os fatores externos podemos destacar a participação e acompanhamentos dos alunos pelos pais e/ou familiares responsáveis, a precária remuneração e valorização dos professores, entre tantos outros.

No Brasil a educação sempre caminhou com passos lentos, mais a chegada do Movimento da Escola Nova encabeçado por alguns educadores que defendiam a universalização da educação e a proposta de renovar a escola tradicional, aplicando a verdadeira função social da escola, com bases na democracia e na *hierarchia das capacidades* como encontramos no Movimento dos Pioneiros. O documento enaltece o exercício dos direitos dos cidadãos brasileiros no que se refere à educação, dentre eles podemos destacar: a educação pública, a escola única, a laicidade, gratuidade e obrigatoriedade da educação.

A proposta da Escola Nova tem como foco o aluno como agente de sua aprendizagem, o Movimento surge no final do século XIX e se fortalecendo na segunda metade do século XX, na década de 1932, tendo como defensores em nosso país os reformistas Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e outros, estes influenciados pelo filósofo norte americano John Dewey e o francês Durkheim.

A parti de então, o governo da época, Getúlio Vargas, tomou algumas medidas para intervir na educação, essas medidas até beneficiavam o povo, mas principalmente os governantes e claro o sistema capitalista. Iniciou-se então a implantação de uma educação voltada apenas e tão somente para o mercado de trabalho, uma educação mecanizada*(Sandra, Cenilza (P. 6 ANO 2011) in Enguita 1989)que não promovia no educando uma liberdade psíquica, mas formava, no sentido de dar forma*(enquadrar a criança nos padrões educacionais da época), uma ideia medíocre e mesquinha, de que se você tiver uma “profissão” já tá bom pra viver. E o governo obteve grande sucesso ao implantar essa política educacional voltada para o trabalho, tanto que ainda encontramos vestígios da sua passagem no cenário educativo brasileiro.

Aí nos deparamos com esse quadro histórico desolador da educação brasileira, e nos incomodamos com essa realidade, partindo para a implantação de novas ideias educacionais que venham trazer a “liberdade intelectual” para nossas crianças, jovens e adultos. Já podemos ver mudanças nos alunos que cursam o ensino superior, desejamos ver essas mudanças nas três modalidades de ensino.

Muitos são os relatos de alunos que sofreram violência na escola, mas precisamente dentro da sala de aula, um espaço que teoricamente, foi criado para o aprender, inovar e crescer no quesito emocional e intelectual. Esses alunos ao atingirem uma maturidade emocional levantaram a bandeira da não-violência nas salas de aulas.

Claro, que este assunto promove muitas intrigas, afinal quem quer ser o autor ou co-autor de uma violência? Mas, o que percebemos é que nossas práticas rotineiramente já estão dentro de um contexto violento, sem que nos damos conta estamos reproduzindo um cenário em que a afetividade passa longe, e com isso, o cenário educacional se repete, como mudar a educação de uma geração se o que fazemos nada mais é do que reproduzir um sistema secularmente implantado?

Segundo Miranda p.2 2008 in RODRIGUES 1997, o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos, pois o seu papel é bem mais amplo porque ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos.

Então começaram as discursões a respeito da afetividade. É possível ensinar sem violência? É possível mostrar moral e respeito fazendo uso da afetividade?

A partir destas perguntas buscamos encontrar algumas supostas respostas: Porque ainda se usa a violência (em algumas escolas: física e psicológica, em outras apenas a psicológica) no lugar da afetividade dentro e fora das salas de aulas para o fazer educação/formação?

Tendo como objetivo geral: analisar as concepções de professores na modalidade Fundamental I, à respeito da influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para atingir esse objetivo definimos como específicos:

- Relacionar os fatores que contribuem para a presença da violência em sala de aula;
- Destacar possíveis métodos do trabalho feito em sala de aula usando a afetividade;
- Analisar fatores externos que contribuem para a violência na sala de aula.

Nesse percurso percebemos o quanto a afetividade é importante no processo de ensino-aprendizagem da criança.

2. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O trabalhar na sala de aula vai além de passar conteúdos didáticos. Esse espaço escolar quando ocupado por sujeitos, (Professores) conscientes do seu poder transformador abre espaço para um mundo desconhecido e inovador para o aluno, promovendo o descobrimento e construção de novos conhecimentos.

2.1. A relação professor-aluno: Teoria e prática pedagógica

O fazer pedagógico, a ação cotidiana em sala de aula, exige muita atenção e conhecimento por parte do professor, que, segundo Comenius 1649 p. “deve ser um professor pesquisador”, ou seja, enquanto ministra suas aulas, realiza uma pesquisa na

qual procura conhecer os seus alunos nos quesitos emocional, afetivo, familiar, e moral, visando construir uma relação entre professor x aluno onde haja compreensão, respeito, tolerância e atitudes variadas por parte dos envolvidos no processo, contribuindo para a efetivação da ação educativa.

Historicamente a relação professor x aluno sempre foi “vista” erroneamente, o professor era visto como o detentor absoluto do conhecimento, suas falas em sala de aula não podiam ser jamais contestadas ou questionadas, e com isso o aprendiz mantinha-se em sua posição de submissão e obediência.

No século XVI, XVII época em que viveu Comenius, as “escolas” eram construídas e projetadas de maneira que os utensílios atrapalhavam ou no mínimo retardava o aprendizado dos alunos, como, salas escuras e sem a presença de cores nas paredes e nos móveis. Basicamente, só a partir do século XIX e XX a concepção de escola começa a mudar.

A relação professor-aluno vai além da transmissão do saber por parte do professor em relação aos seus alunos e vice-versa. Como desenvolver e executar os trabalhos em sala de aula se não há interesse, curiosidade e vontade de aprender por parte dos aprendizes? O professor precisa construir condições favoráveis para que a aprendizagem aconteça dentro e fora da sala de aula. Para tanto uma boa relação pautada na confiança, no respeito mútuo, e afetividade faz-se necessário, tendo como objetivo a construção do conhecimento e do aspecto emocional dos alunos.

Quando o aluno confia e respeita o professor o diálogo se dará sem complicações e barreiras. O que notamos é que os educandos chegam muitas vezes em sala de aula com medo, vergonha e prontos para rebater qualquer coisa que o professor fale ou mantém uma postura de rejeição de trabalhos propostos. Por outro lado, muitos professores por falta de conhecimento e comodismo, mantém uma prática agressiva, intolerante diante dessa postura inadequada, que segundo comenta Freire (1996, p. 96)

“[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

As marcas negativas, se não superadas, dificultará não só o processo de ensino-aprendizagem, mas também as futuras relações com outros professores e a vida social dessa pessoa.

Quanto às características de um professor que valoriza a afetividade em seus alunos, o mesmo autor enfatiza:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer ao aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas suas incertezas. (FREIRE, 1996, P. 96)

A importância de uma boa relação entre professor e aluno vai refletir no ambiente escolar como um todo.

O termo prática pedagógica aqui utilizado se refere às atitudes que um professor deve ou pelo menos deveria ter em sala de aula, da postura ética que corresponde a um educador. O espaço da sala de aula produz situações difíceis para o referido administrar frente a seus alunos, o que exige dele uma resposta imediata que contorne tal situação, por exemplo, com a necessidade dos pais saírem para trabalhar, as crianças foram “depositadas” na casa dos avós, em creches, berçário e escolas, o que contribuiu para um crescimento espantoso da ausência desses pais dentro dos lares, como consequência os alunos muitas vezes se encontram sozinhos em seus conflitos pessoais, levando os mesmos para a escola, esses conflitos podem ser de ordem moral, emocional, familiar, hormonal e até físico. Pensando desse modo Cury (2003, p.97) afirma “[...] por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto”.

Quando falamos de crianças, precisamos ter em mente o pensamento de que o afeto é a porta principal de entrada no seu mundo, uma vez adentrando essa porta, fica mais fácil, penetrar em seu espaço (mundo) e trabalhar com eles os conteúdos didáticos pedagógicos em sala de aula.

Um aluno que chega para o seu professor e lhe mostra a tarefa feita, espera um reconhecimento, mesmo que sua caligrafia não seja igual aos dos outros alunos e mesmo que não seja tão legível, o professor jamais poderá manifestar algum tipo de violência, como por exemplo, arrancar a folha do caderno do menino afirmando que a

letra dele estar “feia”, essa atitude certamente frustrará o garoto impedindo assim seu processo de ensino-aprendizagem, mesmo que provisoriamente.

O que se percebe em sala de aula é a presença de profissionais inseguros, mas porque essa insegurança ainda paira sobre a maioria dos educadores? Na maioria dos casos esses professores tiveram uma formação ligeira, ou seja, eles estavam tão preocupados com os “planos de aulas” e com “provas” que teriam que preparar que nem perceberem os anos passando e quando menos esperavam chegou o fim da graduação, não o bastante, levam uma vida extremamente corrida tentando manter o equilíbrio entre a vida pessoal, os filhos e as escolas em que eles trabalham; como consequência, sentem-se inseguros sem conhecimento adequado para identificar e propor trabalhos que venham solucionar problemas de aprendizagens em seus alunos, quanto a isso (ROMANOSKI in JARDIM 2005: 173-174) esclarece:

Portanto, não basta levantar os dados e observar quais as dificuldades de aprendizagem; o mais importante é poder compreender a criança que tem esse problema penetrar na sua alma e sentir o seu profundo desgosto por não conseguir fazer o que os seus colegas fazem com tanta facilidade. Esse desgosto pode evoluir para o desespero se a criança é cada vez mais pressionada pelos adultos ou então é desconsiderada tida como preguiçosa, burra, lerda etc.

Continuando sua fala Dias afirma que:

E todo esse caso pode evoluir e acarretar um risco de desenvolvimento patológico, chegando ao desejo de não mais viver ou ainda, levar a uma degeneração do comportamento que pode ser agressivo, irreverente, anti-social, rebeldia contra padrões e pode levar até ao crime.

Diante de situações como esta o diálogo torna-se vital para o bom relacionamento em sala de aula. Apesar da sala normalmente conter alunos que partilham a mesma faixa etária, não significa que eles estejam no mesmo nível de desenvolvimento cognitivo, vale ressaltar que cada um é um sujeito que sente, age e interage dentro e fora da sala de aula. Pode-se perceber também uma miscigenação de ideias, filosofias, concepção de mundo, dependendo da idade deles, o que implica um diagnóstico flexível dos comportamentos presenciado em sala de aula.

Diante de uma realidade desafiadora no que se refere à sala de aula (ANDRADE, 2012, P.41) comenta:

Passou o tempo em que ensinar se reduzia a transmissão de conhecimentos do professor para o aluno. Atualmente, muitas informações chegam ao aluno pelas mais diversas fontes, sobretudo pela televisão e a *internet*. O papel do professor é ajudar a selecionar e organizar essas informações desconexas e a refletir criticamente sobre a realidade, promovendo sua autonomia no processo de aprendizagem.

Promover autonomia implica fazer com que o educando se aproprie do conhecimento como uma ferramenta para criar, dirigir e coordenar outras ferramentas. Mas como promover tal mudança cognitiva nesses alunos? Como despertar um pensamento crítico que leve esses alunos a se tornarem adultos conscientes de seu papel e de suas responsabilidades enquanto sujeitos inseridos em uma sociedade; e humanístico, que se importe com as outras pessoas, que lute não só pelos seus direitos mas também os alheios e como diz Sandra, Cenilza (P. 5 ANO 2011) “ o fortalecimento dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca, que no texto legal, é o que sustenta a vida em sociedade.” Esses jovens chegam ao ensino fundamental II e médio, sendo classificados como analfabetos, não no sentido de saber ler e escrever, mas no quesito *letrado**, *ou seja, não compreendem o que lêem*. Quando chegam às universidades se deparam com o desafio de se educar, ou melhor, educar seus sentidos, como nos ensina o Psicólogo Rubens Alves 2005 P 45.

Sobre esse tema MIRANDA, (2008, P. 5) afirma: “O professor deve prevalecer à visão mais humanística, transformando o ambiente mais afetivo onde a relação professor-aluno seja a base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico”.

A relação professor-aluno implica o desencadeamento tanto da afetividade como das emoções. A respeito disso Miranda (2008, P.79) afirma:

As emoções são estados subjetivos, mas com componentes orgânicos, sendo, portanto, sempre acompanhadas de alterações biológicas como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, secura na boca, mudança nas respostas galvânicas da pele, dentre outras.

O controle dessas emoções implica um fator positivo para o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, manter o equilíbrio em sala de aula das emoções vai influenciar diretamente no aprendizado dos alunos e também na relação professor-aluno.

Para Ferreira (1999, p. 62) a afetividade significa:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, da satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. Uma educação entre professores e alunos que não aborde a emoção em sala de aula como afetividade, traz prejuízos para a ação pedagógica, pois podem atingir não só o professor, mas também o aluno. E se o professor não souber lidar com crises emocionais isso poderá provocar desgastes físicos e psicológicos.

O professor enquanto adulto, entendendo do assunto educação, terá diariamente um grande desafio: fazer educação frente a tantos desafios e limites, mas com boa vontade e apoio do corpo pedagógico da escola, pode-se promover na vida e na mente desses alunos a mudança de que tanto necessitam.

2.2 A Influência da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem

A palavra influência aqui usada se refere na ação direta que o professor infere no aluno em sala de aula, esta influência pode conter aspectos negativos e positivos como já vimos em Freire, 1996, que todo professor deixa marcas em seus alunos algumas boas outras não.

Ainda falando de influencia Gruba afirma:

A influência de uma educação inadequada traz como consequência problemas de aprendizagem. Dentre alguns procedimentos errôneos da educação, observamos a falta de explicação de professores durante as aulas, a falta de paciência e atenção para as dificuldades dos alunos, falta de limites, disciplina, amor respeito tanto dos pais como dos professores.(GRUBA, 2008, P.57)

Algumas palavras historicamente conhecidas e ensinadas ao longo de décadas de ensino perderam seu significado, sua importância no meio escolar atual, são palavras do

tipo: limite, disciplina, respeito, família e amor. As crianças chegam as escolas ‘desconhecendo’ o significado dessas palavras em sua essência bem como sua importância para a convivência social, como resposta a escola busca ensinar/trabalhar diariamente, em contrapartida, há um grupo que desconstrói e joga a responsabilidade das consequências sobre a instituição de ensino, da mesma maneira que a família e a sociedade, como um todo, não ajuda, negligenciando seu papel de educar, ela cobra de outros (no caso aqui da escola) a solução do caos que tem se formado no sistema educacional brasileiro.

Percebe-se uma grande dificuldade de impor limites nas crianças, os pais não sabem diferenciar cuidado de proteção, esta não faz crescer, cuidado sim, crianças sem limites são crianças inseguras. Educar significa cuidar, mais do que proteger.

Proteger é dar suporte, quando necessário, no processo de aprendizagem, é permitir que o aluno caminhe sem perder o foco, sem sair do caminho é estar presente, mas deixando espaço para o livre crescimento intelectual do aluno.

É possível compreender a aprendizagem sob duas perspectivas: a associativa e a construtiva. Segundo Pozo 2004 (IN SOARES, SANTOS 2001, p 7.).

Os modelos de aprendizagem associativa, em geral baseiam-se num enfoque elementarista, analítico que decompõem qualquer ambiente num conjunto de elementos associados entre si com distinta probabilidade, de modo que aprender é detectar, com maior precisão possível, as reações de contingências entre esses elementos ou fatos.[...] As teorias construtivistas, em contrapartida, aceitam um enfoque holista, organicista, estruturalista, pois vinculam a aprendizagem ao significado que o organismo atribui aos ambientes que tem diante de si, em função das estruturas cognitivas e conceituais a partir das quais interpreta esse ambiente.

A rotina de uma sala de aula é bastante agitada do ponto de vista intelectual, ou seja, são várias cabeças pensando juntas sobre um determinado assunto, claro, sob a direção e coordenação de uma, a do professor. Esse trabalho tem como objetivo despertar a curiosidade e o interesse nos alunos pelo mundo fascinante e conquistador do aprender, para tanto, faz-se necessário algumas observações que venham aprimorar o resultado no “final”. Um final que provavelmente não conhecemos e sim outros professores que encontrarão esse aluno futuramente.

O professor precisa ser um professor-amigo, sabendo construir a questão do limite e a relação de poder em sala de aula. Existem três tipos de poder: O poder condigno, que é o poder das punições sem assumir a personalidade de monstro, para ser usado em caso de emergência, este não conscientiza, o poder compensatório, que envolve “trocas” também não conscientiza e o poder condicionado, este é o poder efetivamente educacional, pois argumenta e convence o outro.

Segundo Miranda, 2008, p. 80.

As três principais emoções que exercem em sala de aula são o medo: demonstrado através de situações novas como responder alguma atividade, apresenta algum trabalho etc.; a alegria que traz inquietação também pode trazer entusiasmo para a realização das atividades; e por último a cólera, que tem o poder de expor o professor diante da classe trazendo desgastes físicos e emocionais.

Em determinadas situações, o professor não sabe lidar com essas emoções o que provoca um desgaste afetivo no clima emocional da sala de aula.

O processo de ensino-aprendizagem pode não acontecer por várias razões como ressalta Miranda 2008, crianças que não são disciplinadas e não cumprem com seus deveres escolares, os pais que cobram dos filhos bons resultados sobre muitas ameaças o que provoca um efeito colateral nos alunos fazendo com que eles esqueçam tudo que estudou ou pensando nas brigas e nos desentendimentos em casa não consigam manter a concentração e aprender.

Muitos pais se desesperam quando seu filho (a) tira uma nota abaixo da média estabelecida pela escola, em alguma prova e como medida, cobram primeiro do professor, depois do filho (a) e nem se lembram de avaliar sua postura, enquanto sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem do filho (a). Miranda (2008, p.80) afirma “As relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos, pois a inteligência não se desenvolve sem a afetividade.”

O conhecimento, na visão geral, é construído não só na escola, mas em casa, na rua, nos passeios, enfim, em toda parte, pois em todo lugar é possível relacionar-se com alguém, e o ser humano aprende só, mas sobretudo com a interação, seja ela com sujeitos ou com o meio em este está inserido.

O processo de ensino e aprendizagem é por excelência magnânimo, ativo, libertador, pois promove no sujeito pertinente a ação de conhecer, de saber, de produzir novos conhecimentos. Daí a importância vital desse aluno receber uma influência positiva através de uma relação pautada na afetividade bem como no respeito, no limite, na autoridade conquistada, não imposta.

Essa autoridade caminha paralelo com outros princípios existentes na sala de aula. Mas essa percepção de se conquistar autoridade do aluno, penetrando em seu mundo, para só então influenciar e mediar o seu processo de aprendizagem é vista por uma parcela dos profissionais da educação, o que acarreta em dificuldades de compreensão em uma via de mão dupla nos ambientes escolares.

Segundo Soares; Santos.

Os trabalhos apontam que relações professor-estudante hierarquizadas, distantes, autoritárias concorrem para o desinteresse, para a falta de investimento e confiança do estudante na explicitação e superação de dúvidas o que compromete a aprendizagem (2011, P 6.).

E essa aprendizagem comprometida se transformará em uma “ bola de neve ” ao longo do tempo. O aluno quando sente liberdade no relacionamento com o professor, e esta não está atrelada ao desrespeito e sim ao diálogo, permite que este aluno confie no professor bem como em suas teorias, tornando as aulas mais atrativas e desejosas na visão deste aluno. Logo todas as aulas será um momento de transformação e criação do conhecimento aqui entre professor- aluno, aluno-professor e aluno-aluno.

O ambiente escolar torna-se mais leve o agradável quando tem sujeitos que se sentem importantes na vida do outro.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa será de abordagem qualitativa, segundo Barros e Lehfeld (2003, p.37), deve-se realizar, no início, a etapa investigatória exploratória, para depois ir traçando as estratégias que conduzirão à implementação e à execução do projeto de

pesquisa. Foram utilizados, como instrumentos para coleta de dados questionários e a entrevista semiestruturada. Partindo do princípio que a pesquisa qualitativa tem como foco principal interpretar os fenômenos, recorreremos a análise de conteúdo de Bardin, considerando esse método essencial em nossa metodologia.

3.1. *Participantes*

Os participantes da pesquisa são 4 professores, sendo dois da rede pública, uma da rede privada e uma professora aposentada que trabalhou a vida toda em escolas municipais, esses participantes apresentam idade entre 32 e 55 anos de idade, tempo de serviço entre 4 e 25 anos de carreira; sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Mais informações abaixo na planilha.

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Estado civil</i>	<i>Área de atuação</i>	<i>Tempo de serviço</i>
<i>Flávia Pereira</i>	<i>35</i>	<i>Feminino</i>	<i>Solteira</i>	<i>infantil</i>	<i>16 anos</i>
<i>Jeisa</i>	<i>55</i>	<i>Feminino</i>	<i>Casada</i>	<i>Professora Aposentada (Infantil)</i>	<i>30 anos</i>
<i>Mychelline Souto</i>	<i>32</i>	<i>Feminino</i>	<i>Casada</i>	<i>Fundamental e Medio</i>	<i>4 anos</i>
<i>Edvan</i>	<i>35</i>	<i>Masculino</i>	<i>Casado</i>	<i>Fundamental I</i>	<i>10 anos</i>

3.2. *Instrumento*

- Questionário fechado contendo seis perguntas.
- Roteiro de entrevista semi-estruturado com duas perguntas abertas.

Os instrumentos de trabalho utilizado foi um questionário fechado e um roteiro de entrevista semiestruturado. Aplicados com todos os participantes da

pesquisa. Essas questões abordam o que os professores pensam sobre a influência da afetividade no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Se é coerente e aconselhável trabalhar a partir dessa perspectiva, entendendo que a afetividade é o caminho para adentrar no mundo particular do alunado, bem como conhecer suas dificuldades, seus medos, suas expectativas.

3.3. *Procedimento*

A atividade foi desenvolvida na casa de cada participante. O tempo médio para a abordagem individual foi de aproximadamente 60 minutos, o que resultou no total de 4 horas de pesquisa em dias alternados.

Foram salvaguardadas as questões éticas de cada participante, através do termo de consentimento assinado pelos referidos.

3.4. *Análise dos dados*

A fim de analisar os dados coletados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2004) com a participação de juízes.

Inicia-se a conclusão da interpretação dos instrumentos de pesquisa, ou seja, o roteiro fechado com seis perguntas e a entrevista semi-estruturada com duas perguntas abertas sobre a temática, com objetivo de coletar as concepções dos participantes sobre o peso da influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada professor foi abordado em tempos diferentes e de forma individual. Dialogando sobre as questões apresentadas, cada qual expôs suas concepções no âmbito da afetividade dentro da sala de aula bem como sua influência no aprendizado dos alunos.

Com relação a questão 1. Como você entende no geral a educação atual?

A primeira entrevistada Maria, em sua fala destacou que a afetividade deve existir não de forma forçada, mas natural, ou seja, ela é conquistada no dia a dia dentro da sala de aula.

A entrevista Flavia elencou que é preciso entrar no mundo do aluno para poder então conhecê-lo e influenciá-lo no seu descobrimento e construção de novos conhecimentos.

Já o Professor Edvan, compreende a afetividade como algo necessário, levando em consideração o contexto e a realidade dos alunos (de escola pública) os quais ele ensina, afirmando serem alunos carentes de afeto.

A última entrevistada foi a Professora Jeísa diz que: para ela a afetividade se faz tão necessária quanto a disciplina no contexto escolar, promovendo assim o avanço e progresso no aprendizado dos alunos.

Na questão 2. Comente a frase: crianças sem limites, sem carinho, são crianças que apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

A primeira entrevistada, Maria, na há como fazer a criança evoluir sem ao menos chegar-se afetivamente a ela.

A segunda, Flávia, destaca: o sucesso escolar esta atrelado ao equilíbrio do limite(propriamente dito) e do afeto(amor).

O terceiro, Edvan, enfatiza que o adulto que ama a criança impõe limites à mesma e como consequência, esta evolui.

A última entrevistada, Jeísa, afirma que problemas de aprendizagem em vários fatores desencantes, incluindo a ausência de afeto e limites.

Na questão 3. De acordo com os seus conhecimentos assinale as alternativas, levando em consideração a situação cotidiana escolar:

“ João é um menino muito inteligente, porém usa da sua inteligência para ‘manipular’ quem esta a sua volta, e com isso conseguir o que deseja, enquanto professor(a) de João qual seria a melhor postura, levando em consideração a direção da escola e os pais de João?

a) () Pensaria no projeto cível, educativo;

b) () Desenvolveria um projeto que retrate a questão da indisciplina, que tem como consequência punições, por ter quebrados acordos antes acertados.

Todos os entrevistados marcaram a letra **b**.

Na questão 4. É possível trabalhar em sala de aula, a questão da afetividade? Cite exemplos:

A primeira entrevistada, Maria, afirma que sim, dando como exemplo o professor proferindo palavras de afirmação positiva em relação a alunos.

A segunda, Flávia, corrobora com Maria, quando afirma que quando Professor projeta confiança no aluno este se sente amado.

O terceiro, Edvan, responde que sim e dá como exemplo conhecer e se interessar pelo contexto o qual o aluno está inserido.

A última entrevistada, Jeísa concorda com Edvan e acrescenta: além de conhecer procura mudar, quando este contexto não lhe favorável.

Na questão 5. Voce acredita que uma boa relação com o professor irá influenciar diretamente no processo de aprendizagem do aluno?

A primeira entrevistada Maria acredita sim e acrescenta que essa relação pode trazer freqüentes e intensas mudanças.

A segunda, Flávia também acredita, enfatizando que todos (aluno, família, escola) se beneficiam dessa boa relação.

O terceiro, Edvan escreve não só no processo de ensino-aprendizagem mas no amadurecimento d aluno.

A última entrevistada verbaliza que uma relação agradável entre aluno e professor faz renascer a essência a educação.

Concluindo, segundo o roteiro da entrevista os professores em termos gerais, consideram sim importante a afetividade na sala de aula, como ferramenta para ensinar e principalmente para adentrar no espaço psicológico de seus alunos, podendo assim conhece-los melhor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou mostrar a eficácia da influência da afetividade na sala de aula. Entendendo o aluno como um ser que pensa, age e interage e precisa além da disciplina, da afetividade no dia a dia. Desse modo o Professor possibilita novos caminhos, novas descobertas ao discente, conduzindo-o a vencer lacunas e déficits de aprendizagem acumulados ao em sua trajetória acadêmica.

Esse aluno pode ser da rede pública ou privada, todos necessitam de um olhar atencioso por parte do professor e claro da equipe pedagógico da escola.

A pesquisa mostrou-se limitada, tendo em vista o número de participantes e o tempo gasto em cada uma das abordagens, bem como a pouca disponibilidade dos profissionais destinados aos questionamentos. Todavia fica registrado que a afetividade dentro da sala de aula se faz necessária, bem como a disciplina e o planejamento. Todas essas questões trabalhadas de forma efetiva promovem o despertar do aluno, impulsionando a sair da caverna, como afirma Sócrates (República ano) e conhecer o novo, trabalhar o novo, modificando o presente e o futuro.

6. REFERÊNCIAS

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar**. Vitória. FAFIUV .2008.

RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 11 ed. São ,Paulo. Cortez 1997.

COMENIUS, Iohannis Amós. **Didáctica Magna**. Fundação Calouste Gulbenkian.Lisboa.1649.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante 2003.

ROMANOSKI, Ana Paula Dias. **Projeto de extensão universitária**.Vitória. FAFIUV. 2008.

JARDIM, W. R. S. **Dificuldades de aprendizagem no ensino Fundamental**. 2. ed. São Paulo.Loyola 2005.

POZO, J. Aquisição de conhecimento: quando a carne se faz verbo.Porto Alegre. Artmed. 2004.

GRUBA, Luciane G.**Problemas de aprendizagem: fatores desencadeantes**. Vitória. FAFIUV .2008.

SANTOS, C. P.; SOARES S. R.**Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: faces da mesma moeda**. Bahia.2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INEP. “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. – v. 1, n. 1 (jul. 1944). – Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1944 – Publicação oficial do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

1 - SCIELO: <http://www.scielo.br>

2 - PERIÓDICOS CAPES: <http://www.periodicos.capes.gov.br>

3 - GOOGLE SCHOLAR: <http://scholar.google.com.br/>

4 - PORTAL DA PESQUISA: <http://www.portaldapesquisa.com.br/databases/sites>

ANEXOS

ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa objetiva conhecer a opinião de xxxxxxxx a respeito de questões relacionadas à sua profissão. Esclarecemos que não existem respostas certas ou erradas, assim, é importante para o desenvolvimento adequado deste estudo que o (a) senhor (a) seja o mais sincero possível. Sua participação é voluntária e, desta forma, garantimos o seu direito de desistir em qualquer etapa da pesquisa.

Solicitamos sua permissão para que a entrevista seja gravada (CASO VOCÊS DECIDAM GRAVAR), como também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicá-los em revista científica. Garantimos a confidencialidade de suas respostas, uma vez que não estamos interessados em diagnosticar opiniões individuais, mas sim verificar o que os participantes pensam a respeito das questões indicadas. Para qualquer dúvida, os pesquisadores oferecerão os esclarecimentos necessários em qualquer etapa da pesquisa. Desde já agradecemos sua participação.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) sobre todas as condições do que trata a pesquisa e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Limoeiro, _____

ANEXO II: ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Instruções: Após ouvir cada palavra que a (o) pesquisadora (or) irá pronunciar, por favor, escreva as primeiras cinco palavras que lhe vierem à cabeça:

1ª Palavra:

2ª Palavra:

ANEXO II: ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 01)** Como você entende no geral a educação atual?
- 02)** Comente a frase: crianças sem limites, sem carinho, são crianças que apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.
- 03)** De acordo com os seus conhecimentos assinale as alternativas, levando em consideração a situação cotidiana escolar:
- “ João é um menino muito inteligente, porém usa da sua inteligência para ‘manipular’ quem está a sua volta, e com isso conseguir o que deseja, enquanto professor(a) de João qual seria a melhor postura, levando em consideração a direção da escola e os pais de João?
- c) () Pensaria no projeto cível, educativo;
- d) () Desenvolveria um projeto que retrate a questão da indisciplina, que tem como consequência punições, por ter quebrados acordos antes acertados.
- 04)** É possível trabalhar em sala de aula, a questão da afetividade? Cite exemplos:
- 05)** Você acredita que uma boa relação com o professor irá influenciar diretamente no processo de aprendizagem do aluno?
- 06)** Relate brevemente alguma experiência vivida por você, enquanto aluno, e se essa experiência influenciou de forma negativamente ou não em seu aprendizado escolar.

07) ANEXO IV: DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS (Exemplo! É preciso adaptar a realidade de pesquisa de vocês)

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____

Estado civil: _____

Escolarização: _____ / Ano de conclusão: _____

Graduação em: _____ / Ano de conclusão: _____

Área de atuação: _____

Há quanto tempo atua como professor (a)? _____

Costuma participar de cursos de formação continuada? _____

Caso participe, com que frequência? _____

Descreva, em poucas palavras: Por que decidiu ser professor?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!